



Veículo: O Liberal		
Data: 22/01/2017	Caderno: Atualidades	Página: 05
Assunto: Fala		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Múltiplas origens marcam fala de Belém

PARÁ Especialistas dizem que modo de falar no Estado mistura três influências

VALÉRIA NASCIMENTO
Da Redação

O uso do tu e o "chiado" são heranças de Portugal; a nasalidade vem dos índios; o ritmo melódico, da África. O falar belenense tem influências de línguas nativas e do português da região dos Açores, destacando-se por manter características consideradas conservadoras pelos linguistas, e que na prática, não se vê em outras regiões brasileiras. Como exemplo, a utilização do pronome tu, na segunda pessoa, com flexão verbal, ou seja, no padrão da língua culta.

De acordo com o linguista do Museu Goeldi, Hein van der Voort, no tempo da fundação de Belém, eram faladas várias línguas indígenas na região. "Durante a época colonial em diante, estas línguas foram extintas e a língua falada pela população aqui e em outras par-

tes da Amazônia foi a Língua Geral Amazônica, também conhecida como Nheengatu, que é uma língua da família tupi-guarani. O português foi falado somente por uma minoria, a elite da população, da classe administrativa", esclareceu.

Doutora em Linguística pela Universidade Aix-en-Provence, no sul da França, Regina Cruz ministra disciplinas na graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), no campo da sociolinguística e fonética. Ela afirma que o português que aqui chegou, num primeiro momento ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, foi o de influência açoriana.

"Há vários registros de motivação do reino português incentivando os açorianos a virem. Eles se concentraram nos extremos Norte e Sul do Brasil. Atualmente, a gente está fazendo estudos linguísticos, comparando os dialetos açorianos com as falas de Belém e Florianópolis, que historicamente receberam grandes concentrações de açorianos. Coincidentemente, há muitas características linguísticas, o uso do tu

na segunda pessoa é só uma delas", observou. Regina Cruz é pesquisadora desde 1992 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ela chama a atenção ainda para a dinâmica da linguagem oral. "Quando a gente observa o uso do tu, a segunda pessoa (do singular), ele está desaparecendo no português. O vós já é um pronome morto na língua falada, ninguém mais usa, exceto em situações extremamente formais e documentos escritos. O tu está perdendo terreno para o você. Só é falado em Portugal e no Brasil. E aqui, em nosso País, nos extremos Norte e Sul, particularmente, nas capitais Belém, Florianópolis e Porto Alegre", enfatizou a pesquisadora.

A Língua Geral Amazônica, ou Nheengatu, uma espécie de mistura entre o português arcaico e a língua indígena, foi extinta e hoje só é falada na Venezuela e no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. "Nós tínhamos uma situação de contato interdialeto no Brasil. Ou seja, falavam-se 1.200 línguas indígenas. Isso foi registrado por Aryon Rodrigues. Hoje são cerca de 120 línguas indígenas faladas. E você tinha os africanos que vieram na condição de escravos, falantes de línguas distintas", frisou Regina.

Uso do pronome tu e **chiado** são formas que diferenciam a fala paraense



Belém: hábito de usar o pronome tu e o chiado nas palavras se mantém vivo

Sonoridade própria difere de outras regiões

A pesquisadora Regina Cruz enfatiza que assim como o Tupinambá deixou interferências, os africanos na condição de escravos eram falantes de dialetos diversos, com predominância do banto e do iorubá, uma fala clássica concentrada mais na Bahia, com amplo uso no candomblé.

A herança africana é difícil identificar, pois os sistemas das línguas banto e do português eram parecidos. “A linguista Ieda Castro conclui que as duas falas têm muitas similaridades e que se misturou muito. Então, às vezes, há expressões que a gente acha que são africanas e não são, e vice-versa”, comentou.

Outra característica da forte influência açoriana é que tanto Belém como Florianópolis têm o que tecnicamente se chama de palatalização, que os leigos chamam de “chiado”, acrescentou Regina Cruz. O projeto Atlas Linguístico do Brasil (criado por diversos pesquisadores da Língua Portuguesa para o estudo dos falares encontrados no território nacional, com participação de pesquisadores da UFPA), mostra que Belém tem uma das mais fortes palatalizações do País.

“A gente pensava que esse chiado era uma inovação da língua falada, algo que

surgiu. Não é. Na verdade, ele é vinculado a uma parte muito conservadora do Português, que no Brasil ganha força com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808. Antes disso, o português não era a língua dominante, o que se falava aqui era a Língua Geral”, ensinou Regina Cruz.

“Estudando narrativas em Abaetetuba, no Baixo Tocantins, eu vi uma marca que é você intensificar uma informação, evidenciar com repetição, a exemplo de ‘era uma menina que luxava, luxava, luxava’. E a gente, de Belém, fala assim. Um jesuíta que conviveu em Soure, no Marajó, e escreveu uma gramática, registrou à época, que essa construção presente no Tupinambá já contaminava o português. E no futuro, disse ele ‘ela vai ficar cristalizada no português’. Ele falava dessa repetição. E a gente não se dá conta que guarda como herança”, declarou.

“Uma grande marca indígena é a nasalidade. A gente nasaliza banana; já em panela, não; essa é uma marca Tupinambá. Em sua gramática, José de Anchieta registrou isso. E chegou a dizer o seguinte: ‘A nasalidade é tão forte que quando eles falam parece que há til em todas as letras’. E nós guardamos essa nasalidade que vem direta do Tupinambá”, explicou.